



Olympia

Pedro Veriano

Médico e crítico de cinema

No início da Segunda década do século XX Belém tinha 12 cinemas funcionando. E não eram mais teatros alugados, como no caso do Chalet. Os novos comerciantes do ramo aprenderam que cinema podia ser um lençol branco esticado, alguns bancos corridos e um projetor de qualquer marca. O pioneirismo implicava em salas de bairros como o "Beco do Carmo", e projeções "volantes", como as que aconteciam em outubro no Arraial da Nazaré, o apêndice profano da Festa do Círio.

Foi justamente em 1912 que dois empresários locais inauguravam o Cinema Olympia, a primeira casa "de luxo" edificada para um ramo de atividades visto com lentes de preconceito.

Antônio Martins e Carlos Augusto Teixeira eram proprietários de dois pontos turísticos e culturais: o

Grande Hotel, feito no auge da borracha até como uma celebração do fausto que embalava a cidade, e o Palace Theatre, lugar de artes cênicas com brecha para o futuro, ou seja, o aparelho de fotografias animadas.

A criação do Olympia transformaria em quadrado o triângulo de bom tom com vértices no Palace, no Grande Hotel e no Theatro da Paz, alguns passos adiante. Esse trecho de rua, ou da Praça da República, que o povo ainda chamava de Largo da Pólvora, era justamente o mais freqüentado pela elite. A classe que não ia ao cinema de Joaquim Llopis na rua 28 de Setembro nem se entusiasmava com as exhibições avulsas dos mascates que tomavam espaço no Arraial de Nazaré ou mesmo de meteóricas temporadas cinematográficas num teatro próximo.

No dia da inauguração do Olympia o assunto das conversas era uma tragédia em lugar distante. Belém sentiu muito o naufrágio do transatlântico Titanic, na madrugada do dia 15 do mesmo ano. Na noite de 24, as pessoas falavam do desastre e havia até quem soubesse de cor as músicas tocadas pela orquestra de bordo nas duas horas que o navio levou para afundar no ar gelado, fim da viagem inaugural entre Londres e Nova York. Eu morei com pelo menos três velhas cinemeiras. Todas contavam histórias sobre o Titanic, como lembravam os primeiros dias do Olympia.

A Folha do Norte registrou a inauguração do novo cinema:

"Marcou um verdadeiro acontecimento nas rodas elegantes desta capital, entre o que a sociedade tem de mais fino, de chic e culto, a Inauguração do Cinema Olympia, realizada ontem no luxuoso Edifício construído para esse fim à Praça da República, esquina da Rua Macapá.

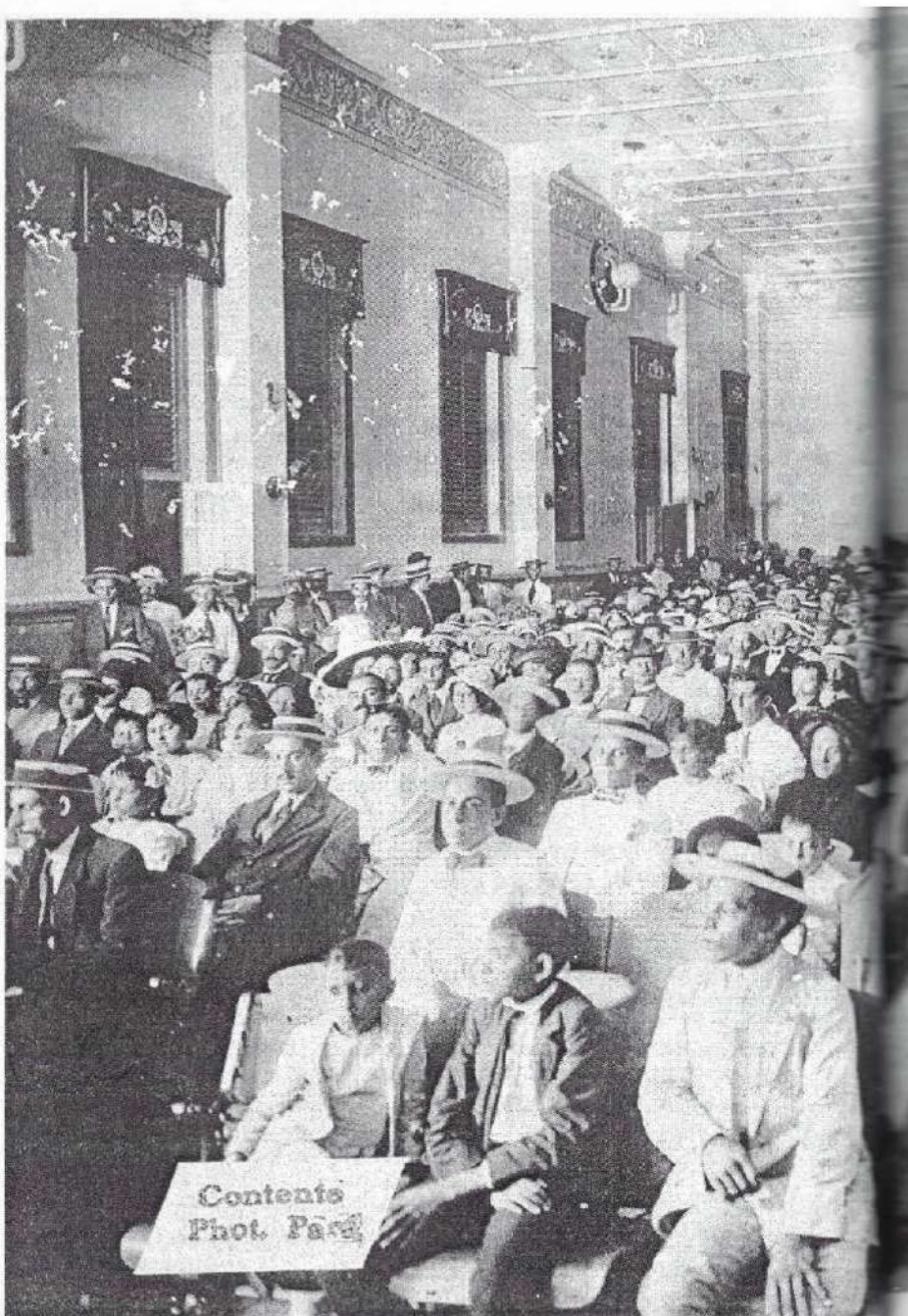
Tudo o que Belém tem de belo, de encantador e de alegre, concorreu com a sua presença para o brilhantismo da serata, dando por alguns momentos à nova casa de diversões, um aspecto delicioso de raro prazer, que bem traduz a ansiedade em que se achava a nossa população por um centro onde pudesse experimentar a deliciosa sensação de viver que nos dá o contato com gente sadia e distinta que se diverte".

E a mesma nota dava as características técnicas da sala (400 poltronas, dez ventiladores, seis portas, 14 janelas abertas em duas faces laterais do prédio) e fazia votos para que as "cintas" (filmes) exibidas não viessem ferir susceptibilidades, "ao ponto de fazer corar as mocinhas". Hilariante proposição a começar pela proximidade do meretrício, elegendo o Olympia um cineminha preferido das prostitutas, especialmente das chamadas "polacas"², as cortesãs amazônicas que também traduziam a riqueza dos seringalistas.

Para ir ao Olympia era preciso usar boa roupa. Homem de paletó e gravata, mulher de vestido longo e chapéu. Na segunda década do século, muita roupa não parecia um sacrifício em clima tropical. De fato, a cidade não era quente. Poucos edifícios altos, muito verde, muita água, um cenário favorável para a circulação do ar amenizava a

temperatura ambiente. No assunto, eu lembro que vi um filme de 1939, pertencente à I Comissão Brasileira de Limites³, em que apareciam cavalheiros usando paletó branco (o conhecido panamá) e chapéu de palha, na "geral" de um campo de futebol, em um domingo de tarde. Em 1979 o clima não oferecia mais a mesma oportunidade, justificando uma piada de Alexandrino Moreira, dono do cinema, definindo o que seja "cinemaníaco". Seria o sujeito que teria coragem de ir ao Cinema Ópera, uma sala então recém-inaugurada, mas com um sistema de renovação de ar deficiente, à uma da tarde, para ver o velho filme "A vida de Cristo", de Ferdinand Zecca.

A exigência da elegância dava em contrastes



cômicos. Espectadores que se julgavam "modernos", ou pelo menos dispostos a esconder suas aventuras de alcova, afirmavam que as "polacas" apareciam, muitas vezes, mais "charmosas" do que as senhoras e senhorinhas de "boa família". O diabo é que elas acabavam por exagerar no tom. Naquele tempo não se chamava mulher de peruca. Se chamasse cabia o nome. Quilos de roupa e maquilagem surgiam no cinema como se já existisse um filme de Fellini. Pelo menos foi a imagem que eu criei do tanto que me contaram.

Os donos da casa eram muito hábeis no jeito de vender ingresso. Um poeta, Rocha Moreira, ligado à direção, editava um tablôide chamado "Olympia

Jornal". Era um modo curioso de fazer publicidade. Ele anunciava os filmes em cartaz e dedicava versos às freqüentadoras com alusões aos artistas. Atiçando a vaidade feminina, era mais quem se enfeitava para ser musa. Uma prévia do que acontecia quase 50 anos depois com as colunas sociais na grande imprensa. Muito interessante por traduzir aquele jeito galante de "belle époque", usando o cinema como elemento de contraste. Um exemplo:

*Do Olympia a freqüentadora
Que hoje, formosa, se alegre,
Conjugando o verbo amar,
Faz-se a fita encantadora,
Há lances que são portentos
Póla Negri por momentos
Faz a gente delirar.*

Rocha Moreira citava nomes. Fula-na de tal entrara na matinê do Olympia tão elegante, num vestido assim e assado, que o cavalo de Tom Mix derrubava o dono. Ou então, o sorriso brejeiro da doce senhorinha fazia com que Douglas Fairbanks olhasse para frente, na direção da platêa, deixando enciumada a Mary Pickford, sua mulher na vida real.

O galanteio provinciano de efeito seguro da nova "casa de espetáculos" o ponto de encontro de uma classe social. Objetivo que se estendeu por gerações, chegando até mesmo a um tempo em que o cinema, já com um "i" no lugar do "y", parecia ter sido bombardeado, evidenciando um abandono que só ganharia alento em 1960, vestindo tapeçaria, poltronas estofadas e ar condicionado para que se visse o filme do Oscar de quatro anos antes: "A volta ao mundo em 80 dias".



Cinema Olympia. (Interior) 1912

¹ Texto publicado anteriormente no livro "Cinema no Tucupí", Pedro Veriano. Belém, SECULT, 1999.

² Chamavam de polacas as meretrizes de uma época que procuravam imitar, perdendo a corrida no tempo (e no espaço, é certo), as cortesãs francesas. Algumas dessas mulheres eram, realmente, de origem européia.

³ A 1ª Comissão Brasileira de Limites tinha uma filmoteca. Quando eu fui chamado para avaliar o estado dos filmes, fiquei espantado com o número de latas e triste com o estrago da maioria das cópias. Mesmo assim, levei a maioria para a Cinemateca do MAM (RJ), visando a recuperação. As películas de nitrato representavam um perigo pela possibilidade de incêndio. Muitas estavam em grau 4 de deterioro. E não foi possível refaze-las. Completando a tragédia, um incêndio na Fundação Cinemateca Brasileira (SP), para onde tinha ido todo o pacote de filmes, acabou por destruir um rico passado cinematográfico da Amazônia.